

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

CARMEN MARIA DOS SANTOS MOREIRA

**O QUE EU VISTO, FALA DE MIM? UMA POSSIBILIDADE PARA PENSAR A
EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS ATRAVÉS DO VESTUÁRIO**

Porto Alegre

2019

CARMEN MARIA DOS SANTOS MOREIRA

**O QUE EU VISTO, FALA DE MIM? UMA POSSIBILIDADE PARA PENSAR A
EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS ATRAVÉS DO VESTUÁRIO**

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline Nunes da Rosa

Banca examinadora: Prof^a Dr^a Dorcas Janice Weber e;
Prof^a Dr^a Andrea Hofstaetter

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que desde o início da minha trajetória sempre me oportunizaram um caminho de buscas saudáveis e me ensinaram os valores que norteiam minha vida, desde minha mais tenra idade, os quais passei para o meu filho desde seus primeiros momentos de vida. Agradeço imensamente a eles, pois foi através do que me proporcionaram que fiz a minha primeira faculdade de Bacharelado em Artes Plásticas aqui na UFRGS, e, através dela, tracei minha vida profissional, a qual acrescento hoje mais um passo nessa jornada concluindo o curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Agradeço à minha tia paterna, pelo carinho, pois sempre me cuidou e mesmo sem saber, influenciou nas minhas escolhas profissionais.

Agradeço por todas as oportunidades que generosamente a vida me deu e que reconheço em todos os sentidos.

E como não lembrar da ajuda incansável e preciosa do meu filho, João Pedro, que me deu muita força e conselhos positivos quando eu me sentia cansada e mesmo tendo seus compromissos de trabalho e faculdade, sempre reservou um tempo para me ajudar, em assuntos de informática, dando-me suporte técnico para a confecção deste trabalho.

Não posso deixar de lembrar, também, do carinho dos meus alunos, que enriquecem minha vida e deixam minhas tardes muito mais agitadas (embora, às vezes cansativas), mas muito prazerosas e divertidas.

Agradeço às minhas orientadoras, em especial, à Aline, que me acolheu com todo carinho em um momento, em que eu já estava quase desistindo. À Dorcas, que foi minha professora de curso e prontamente aceitou em auxiliar-me e fazer parte da banca. Finalmente, à Andréa, que mesmo sem me conhecer, aceitou e agradeceu meu pedido, deixando-me realmente emocionada.

Gratidão a todos os professores, da minha primeira graduação na UFRGS, por me auxiliarem nos meus primeiros passos profissionais para poder chegar até aqui, e aos deste curso, que me orientaram de uma maneira ou de outra, acrescentando e enriquecendo meu conhecimento. Gratidão à UFRGS, por me proporcionar uma formação profissional de qualidade.

Gratidão a todos.

*“Assim, nesses importantes assuntos de roupas,
devidamente compreendido, inclui-se tudo o
que o homem pensou, sonhou, fez e foi:
todo o universo exterior e o que ele contém
nada é senão Vestimenta.”*

(Thomas Carlyle)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, tem como temática central uma possível possibilidade de educação das artes visuais, na escola através do vestuário. Como professora da escola pública do ensino fundamental e médio, trago aqui algumas reflexões e experiências, vivenciadas em sala de aula, junto aos adolescentes, em que percebo a necessidade de atividades diferenciadas, que o envolvam e os ajudem, na busca de respostas para seus anseios, de uma maneira prazerosa. Para isso, realizo um trabalho de busca de identidade através do vestuário, com atelier de manuseio e transformação de roupas na prática. A estas reflexões e pesquisas, uni minhas experiências anteriores, com criação e confecção de moda, enriquecendo meu trabalho junto aos adolescentes. Além das observações e reflexões sobre identidade e vestuário, faço um paralelo da arte com a moda e, como estas áreas se desenvolveram, de uma maneira ou de outra, com certa proximidade e entrelaçamento, desde o final do século XIX e, início, do século XX. Para uma sustentação reflexiva, tenho como principais aportes teóricos o filósofo da atualidade Lars Svendsen, o filósofo da hipermodernidade Gilles Lipovetsky, o psicanalista e escritora da atualidade, Contardo Calligaris, com suas reflexões sobre a adolescência, Imanol Aguirre, diplomado em magistério e doutor em filosofia, autor de livros sobre educação e ensino das artes visuais, Luciana Grupelli Loponte, doutora em pedagogia pela UFRGS, com suas reflexões sobre a educação na contemporaneidade, entre outros.

Palavras-chave: arte; educação; identidade; vestuário; adolescente.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|---|----|
| Figura 01 | Justin Bieber, cantor e ídolo juvenil, anos 2000 | 17 |
| Figura 02 | Mc Livinho, cantor | 17 |
| Figura 03 | Maddie Ziegler, cantora e influenciadora digital | 17 |
| Figura 04 | Frida Kahlo, autorretrato | 19 |
| Figura 05 | Albrecht Dürer, autorretrato | 19 |
| Figura 06 | Gustav Coubert, autorretrato | 19 |
| Figura 07 | Piet Mondrian, autorretrato | 19 |
| Figura 08 | Pablo Picasso, autorretrato | 19 |
| Figura 09 | Tarsila do Amaral, autorretrato | 19 |
| Figura 10 | <i>Selfie</i> aluno A | 20 |
| Figura 11 | <i>Selfie</i> aluno B | 20 |
| Figura 12 | Autorretrato de alunos em desenho | 20 |
| Figura 13 | Autorretratos de alunos em papel, corte e colagem | 21 |
| Figura 14 | Alunos trabalhando em atelier de customização de roupas | 26 |
| Figura 15 | Pinturas corporais indígenas | 29 |
| Figura 16 | Lygia Pape, obra Divisor | 30 |
| Figura 17 | Hélio Oiticica, obra Parangolés | 30 |
| Figura 18 | Arthur Bispo do Rosário, obra Fardão Luta. | 31 |
| Figura 19 | Anita Quansah – acessórios | 32 |
| Figura 20 | Mana Bernardes – Acessório sem papel jornal | 32 |
| Figura 21 | Issey Miyake – Espartilho | 32 |
| Figura 22 | Andy Warhol - December Shoe..... | 32 |
| Figura 23 | Esboços para criação de moda | 34 |
| Figura 24 | Jean-Paul Gaultier | 36 |
| Figura 25 | Ronaldo Fraga– Designer de moda,..... | 37 |
| Figura 26 | Ronaldo Fraga – Homenagem à Marielle Franco | 37 |
| Figura 27 | Ronaldo Fraga –Desfile | 37 |
| Figura 28 | Ronaldo Fraga – Caderno de roupas, memórias e croquis | 37 |
| Figura 29 | Ronaldo Fraga – Desfile em homenagem às vítimas da tragédia de Mariana/MG | 38 |
| Figura 30 | Gustav Klimt retrata Emily Flöge | 38 |
| Figura 31 | Andy Warhol – Marilyn Monroe | 39 |
| Figura 32 | Andy Warhol- Twiggy... .. | 39 |
| Figura 33 | Yves Saint Laurents/ Piet Mondrian | 39 |

| | | |
|------------------|--|----|
| Figura 34 | Helio Oiticica- Parangolés.... | 40 |
| Figura 35 | Lygia Clark- Roupa-Corpo-Roupa... | 40 |
| Figura 36 | Flávio de Carvalho | 41 |
| Figura 37 | Flávio de Carvalho | 41 |
| Figura 38 | Flávio de Carvalho | 41 |
| Figura 39 | Flávio de Carvalho | 41 |
| Figura 40 | Marina Abramovic – Performance | 42 |
| Figura 41 | Alexander McQuenn | 43 |
| Figura 42 | Martin Margiela | 43 |
| Figura 43 | Martin Margiela | 43 |
| Figura 44 | Issey Miyake- Vestidos Origami | 44 |
| Figura 45 | Jum Nakao – A Costura do Invisível | 44 |
| Figura 46 | Acervo pessoal | 49 |
| Figura 47 | Acervo pessoal | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 APRESENTAÇÃO..... | 10 |
| 3 VOLTANDO À ESCOLA..... | 12 |
| 3.1 UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA ESCOLA..... | 12 |
| 4 PENSANDO O ADOLESCENTE..... | 16 |
| 4.1 O ADOLESCENTE E A BUSCA DA IDENTIDADE..... | 17 |
| 4.2 O ADOLESCENTE E A AUTOIMAGEM..... | 18 |
| 5 A ROUPA COMO MENSAGEM..... | 22 |
| 5.1 O VESTUÁRIO COMO MODA..... | 23 |
| 5.2 A CUSTOMIZAÇÃO DE ROUPAS COMO BUSCA DA IDENTIDADE..... | 24 |
| 5.3 O ATELIÊ NA PRÁTICA..... | 25 |
| 6 A ESCOLHA DA COR NO VESTUÁRIO..... | 27 |
| 7 AMPLIANDO – O QUE COBRE O CORPO..... | 29 |
| 8 O UNIVERSO DA MODA..... | 33 |
| 9 INTERFACE ARTE/ MODA..... | 35 |
| 10 MODA E CONSUMO – CONSCIENTIZANDO..... | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho transcorre através de observações que faço sobre meu trabalho de criadora, fazedora de moda e vestuário, artista visual, educadora, onde costuro essas áreas sob o olhar da arte. Uma pequena viagem através do mundo da moda, arte e educação.

O que vestimos, o que olhamos e o que escolhemos, passa, mesmo que não percebamos, pelo visual. Desde o momento que acordamos e escolhemos o que vestir, estamos fazendo escolhas visuais. Pode ser porque queremos estar na moda, na onda, ou inseridos em uma tribo, ou porque queremos dar ouvidos ao nosso momento emocional, o “como me sinto hoje”. Nossas escolhas passam sempre pelo visual sim, o tempo todo. E é através do visual e das emoções que faço estas observações e questionamentos.

Trabalho com moda e vestuário há muito tempo, e a minha formação de Bacharel em Artes Plásticas me deu uma base, um chão, um terreno fértil para percorrer outros caminhos, entrelaçando os dois mundos arte e moda. Aqui faço observações sobre moda, vestuário e identidade sob o olhar da arte, sob a emoção da cor, da forma e das combinações criativas.

À este mundo do vestuário, uni a educação através do ensino da arte. Trabalho com adolescentes há muito tempo, e sob esta ideia de unir os caminhos da arte e moda iniciei a trabalhar identidade. Trouxe questionamentos aos meus alunos sobre identidade através do vestuário. Percorro junto com eles, um caminho de autoconhecimento do adolescente através do que usam, do que vestem, do que gostam e do que não gostam, com rodas de conversas e ateliês de customização de roupas. Procuro despertar neles questões como: “o que tem por aí para venda é o que me represente ou não?”, “quero ser diferente mas quero ser igual a minha tribo, por que?”. E assim vamos trilhando na busca da identidade.

Este trabalho também pode se estender não apenas a adolescentes, mas a todas as pessoas, pois todos fazemos escolhas visuais.

Uma pequena viagem percorrida pelos caminhos da busca de identidade através da arte, moda e vestuário, observando também o que já se fez até hoje na interface arte e moda.

2 APRESENTAÇÃO

Desde muito cedo me vi envolvida em panos coloridos. Na minha infância, ficava um tempo por dia aos cuidados de minha tia paterna, a quem eu chamava apenas “Tia”. Era como mãe, e mãe não tem nome, é apenas mãe. Com ela tomei gosto pela criação de “coisas legais” que enfeitavam a vida, desde inventar decorações novas para a casa, pintando molduras de quadros, fazendo almofadas e cortinas para dar um ar de novidade, passando naturalmente pela alimentação saudável, pois com ela aprendia “comer colorido”, colocando um alimento de cada cor no prato indicando que precisamos um pouco de cada alimento.

Nessas andanças exploratórias de criações domésticas, um dos setores explorados foi meu contato com o corte de panos, bordados em lã e, é claro, peças feitas na antiga máquina de costura preta que era da minha avó, para finalizar todas aquelas invenções. Era o que eu mais gostava. Apenas com cinco anos de idade eu tinha liberdade para utilizar, sob orientação e cuidados, a tesoura de tecidos e a máquina de costura. Tudo de adulto. Era um sonho!

Esse espaço mágico de criação que tanto influenciou minha vida ficava no porão da casa de minha avó paterna. Lá, além da máquina antiga, tinha muitos retalhos coloridos, linhas, lãs e tudo o que era preciso para minhas felizes criações. Meu futuro profissional foi traçado ali, misturando aqueles paninhos coloridos, embora eu não tivesse a menor ideia de que isso poderia estar acontecendo. Minha tia foi minha inspiração, e agradeço a ela muito do que sou.

Daí em diante foi um passo. Na adolescência já estava fazendo minhas próprias roupas. Reciclando também. Na época, a moda era customizar calças jeans, enfeitá-las ou transformá-las em outras peças, observando que a palavra “customização” ainda não era usual.

No final dessa época, vim para Porto Alegre e ingressei no curso de Artes Plásticas- Bacharelado na UFRGS.

Ao concluir o curso, onde explorei o desenho, técnicas mistas, aquarela não tradicional e grafite, me dediquei à confecção de vestuário profissionalmente, para vendas, inicialmente bastante artesanal, hoje com peças um pouco mais elaboradas, mas mantendo características de pequeno atelier, com tingimentos artesanais e produção exclusiva, e apenas poucos colaboradores.

Alguns anos depois, meio por acaso, através de um convite para dar aulas de arte, entrei para a educação. Fui com a arte, o coração e a intuição, pois não tinha experiência em ministrar aulas. Com esse conhecimento, arrisquei buscar o ensino fundamental e médio para dar aulas de arte. E deu certo. Estou até hoje com as duas atividades em paralelo, educação, moda e vestuário.

No universo da educação, ao lidar com adolescentes e observando seu mundo, vi que um de seus maiores anseios é a busca quase angustiante da própria identidade, mesmo que na maioria das vezes, eles não percebam. Pensando nisso, introduzi nas minhas aulas de arte junto aos adolescentes, a busca da identidade através do questionamento sobre vestuário e costumes, com rodas de conversa e pesquisas sobre moda, e ateliês de customização de roupas.

Enfim, misturei a duas áreas as quais me dedico e, em função disso, voltei para a universidade, para dar um rumo e aprofundar minhas investigações sobre identidade e vestuário, a qual pertence esta pesquisa de TCC do curso de Artes Visuais – licenciatura.

3 VOLTANDO À ESCOLA

Entrei para a educação através de um convite para dar aulas de arte na Educação Infantil em uma escola particular. Nesse momento eu já havia percorrido um certo caminho nas Artes Visuais com algumas exposições de desenho e fotografia aqui na cidade de Porto Alegre e no interior do estado do Rio Grande do Sul, e também já atuava profissionalmente com criação de moda e vestuário. A escola de Educação Infantil era a que meu filho ficava e foi ali que iniciei minhas primeiras atividades como professora de arte.

Mais tarde, na educação formal pública, me envolvi com o ensino de arte para jovens e adultos, o EJA. Nesse meio, as necessidades eram outras. O adulto que não teve a oportunidade de estudar no momento e idade adequada por dificuldades socioeconômicas chegava até mim com uma necessidade enorme de conhecimento. Para ele, eu contava muitas histórias de artistas da história da arte, falava sobre os vários momentos artísticos que acompanhavam cada etapa da história da humanidade e de como podemos conhecer o ser humano através da sua expressividade desde a pré-história.

Quando iniciei a dar aulas de arte no fundamental é que comecei meu caminho como educadora de adolescentes e vi que estava entrando num mundo onde cada segundo ali era um desafio maior que o outro.

Ao estar próximo do mundo dos adolescentes, percebi através de seu comportamento e seus questionamentos, a necessidade que eles têm de encontrar seu rumo, descobrir quem são, o que gostam e o que não gostam e a que tribo pertencem, fazendo de sua imagem uma legítima comunicação com o mundo.

3.1 UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA ESCOLA

Sobre os rumos do ensino da arte na escola, Imanol Aguirre, nos diz:

“Se imaginarmos uma escola pública sem professor de matemática ou línguas, o que aconteceria? Seria um escândalo, os pais certamente exigiriam estas disciplinas na educação básica e fundamental de seus filhos. O mesmo deveria acontecer com o ensino da arte”. (Entrevista, 2015)

E que diferença teria um aluno que tem arte na escola e outro que não tem? Com certeza com a arte temos uma compreensão maior de todas as coisas e um acesso a variados modos de representação que traz uma maneira diferente de enfrentar o mundo.

Mas como seriam os rumos do ensino da arte na escola em tempos de constantes mudanças? Como nos diz Aguirre: “Não é fácil confeccionar uma roupa para quem não para de mover-se e muda de forma e lugar constantemente.” (2005, pg. 157).

O adolescente já tem naturalmente uma inquietação, sempre buscando algo com que se identifique e que o represente. Em época de mudanças rápidas e significativas de interesses, modo de ver o mundo e estilo de vida, como o que vivemos neste século XXI e que já vimos acontecer também no final do século XX, se faz urgente uma nova maneira de fazer com que o adolescente sinta-se motivado com qualquer atividade na sala de aula, considerando a lentidão com que as mudanças ocorrem dentro da escola.

Luciana Loponte diz no seu artigo “Ensino da Artes Visuais: Entre pesquisas e práticas” a seguinte questão: “Que arte inquieta a escola?” (2013, pg. 13).

Difícil aceitar que por um lado temos uma velocidade enorme com que chegam as informações e mudanças ocorrendo na rua, na vida cotidiana das pessoas e, em contrapartida, na escola parece que o ensino se arrasta e que nada ou pouco muda na maneira como se propõe hoje a educação e o ensino da arte. A realidade fora é muito diferente da realidade vivenciada dentro da escola. Estamos com práticas que parecem beirar décadas de atraso. Não adiantam seminários, encontros e formação de professores se na prática nada acontece. Então, como imaginar um adolescente que está em constante busca e variadas mudanças, se adaptar a um processo lento, precário e ultrapassado de ensino? Loponte (2013) nos faz um alerta que existem avanços em relação ao trabalho de mediação em museus e exposições como as bienais, mas parece que nada chega na escola, pelo menos na prática.

E sobre a importância da disciplina de arte na escola, eu, como professora de arte em escola pública há muitos anos, dou meu testemunho de como é difícil fazer entender a importância da arte na formação da criança e do adolescente, pois existe uma resistência muito grande em fazer permanecer a disciplina Arte no currículo pois muitas vezes são privilegiadas outras disciplinas como português e matemática, em

detrimento do ensino da arte. Também sobre o tempo destinado para arte mesmo estando presente no currículo, é prejudicado. Vivenciei uma redução de carga horária da disciplina de arte de dois períodos semanais para apenas um por semana. Esse acontecimento foi talvez a mais dura derrota que senti na minha experiência com o ensino de arte. Como esperar uma aula de qualidade com 50 minutos por semana em uma turma de aproximadamente trinta alunos?

Além do tempo precário, temos a questão do espaço físico. Trabalho em uma das poucas escolas públicas que tem uma “Sala de Arte”, um espaço exclusivo para experimentações artísticas, com alguns materiais de desenho, papéis coloridos, pinceis e tesouras entre outras coisas, além de alguns jogos como dama, xadrez, Uno, dominó e pega-vareta para momentos de descontração. Mas isto é um super luxo em se tratando de escola pública e o item verba também é um problema.

Pensando em toda essa dificuldade de ter uma estrutura adequada (para aulas com tintas, por exemplo), optei por trabalhos com material seco. E foi nessa brecha que tive a ideia de trabalhar com customização de roupas e em consequência, identidade, pois este trabalho nos abre um leque de opções de materiais, como corte, bordado entre outros, embora a tinta seja também usada.

A ideia de trabalhar com vestuário agradou bastante os alunos, e eles se sentiram entusiasmados, começando assim a pensar no que gostam, com quem se identificam e o que escolhem para si, numa forma agradável e divertida de tentar encontrar respostas para suas inquietações.

Em relação ao pensamento mais usual sobre a disciplina de arte na escola, de acordo com Favareto (2010), citado por Loponte (2013, pg. 14): “... não é raro pensar na arte como aquela que consola, acalma, decora e ilustra, com poucos raros espaços para as provocações contemporâneas”.

Também é preciso observar como é o ensino da arte para a Educação Infantil e Séries Iniciais, pois as crianças e adolescentes chegam até os Anos Finais do Fundamental e Médio já “pré-moldados” com ideias distorcidas do papel da arte em nossas vidas. É necessário mais cursos de formações, capacitação e aperfeiçoamento a serem oferecidos a professores que não são desta área específica.

Outra questão que nos deparamos na escola, são os portadores de necessidades especiais. Estes alunos com variadas dificuldades que podem ser de ordem física ou intelectual, permanente ou momentânea, convivem com alunos que tem outro ritmo de aprendizagem. Acredita-se que a convivência com outras crianças

fazem com que eles se desenvolvam melhor. Mas como ensinar arte para uma criança que precisa de um ritmo próprio de aprendizado em meio a uma turma numerosa e agitada? Torna-se necessário um olhar mais cuidadoso e amoroso sobre ela. O trabalho desenvolvido deve ser diferenciado, pois cada criança com necessidade especial precisa de um programa pedagógico que se “encaixe” nele. É preciso fazer com que este aluno avance considerando suas próprias condições, limitações e habilidades. O parâmetro de aprendizagem para o aluno com necessidades especiais é ele mesmo. O aluno deve apresentar crescimento partindo do ponto em que se encontra, e consideradas as dificuldades de cada um. Na minha experiência com o ensino da arte, tive vários alunos com algum tipo de deficiência. Tive uma aluna com paralisia cerebral onde foi afetada sua coordenação motora e mantinha intacta sua capacidade de compreensão. Para ela o conteúdo não era problema, mas sim a execução das tarefas, pois era necessário grudar o papel com fita adesiva na mesa, sendo que os materiais de desenho eram colocados na mão dela para facilitar o trabalho.

Claudio Roberto Baptista (2015, p. 22) diz: “...a nossa política pedagógica define a educação especial como modalidade transversal e parte integrante da educação regular, devendo ser prevista no projeto político-pedagógico da escola”. Mas não é o que acontece na realidade na maioria das escolas públicas. Vemos professores do ensino da arte e também de outras áreas do aprendizado ensinando com o coração e a intuição, pois o amparo de cursos e formações neste assunto é muito raro. O aluno com necessidade especial vem para a aula de arte querendo produzir junto com os colegas e cabe ao professor descobrir e oferecer maneiras de fazer com que ele se sinta participativo. É um desafio constante e um aprendizado e crescimento também para quem ensina.

4 PENSANDO O ADOLESCENTE

Segundo Contardo Calligaris (2009), psicanalista italiano da atualidade radicado no Brasil, em nossa cultura existe um momento entre o período da infância e o início da fase adulta. Este momento é chamado de adolescência. Sem um limite exato para seu início e término, a adolescência se caracteriza por não pertencer nem a um nem a outro. Não pertence mais a infância, fase que requer cuidados intensos por parte dos adultos quanto a sua segurança e desenvolvimento, pois a criança neste momento ainda não é independente, não exerce a sua autonomia. A adolescência também não pertence a fase adulta, pois não é reconhecida sua maturação para realizar valores sociais básicos. De acordo com Calligaris (2009), torna-se adolescente quando seu corpo e seu espírito estão prontos para a competição, porém não estão aptos para serem aceitos no mundo adulto. Ocorre uma suspensão de tempo entre a maturação dos corpos e a autorização para atuar na vida adulta.

Em outras culturas, esta fase pode não existir, passando direto da infância para as responsabilidades da vida adulta, muitas vezes marcadas com competições ou rituais de passagens. Em alguns povos, por exemplo, um rapaz de 15 anos já é chamado para lutar na guerra ou a realizar atividades de muita responsabilidade sem passar por este período de espera. Na nossa cultura, o adolescente procura pares com quem se identifique, para se sentir igual a quem está passando pelas mesmas dores que ele, formando grupos, mini sociedades, tribos, onde se vestem, falam e agem de forma semelhante. Podem ser pequenos grupos de amigos, onde geralmente é cobrada um tipo de entrada, uma marca ou um segredo compartilhado somente entre eles. Também podem escolher grandes grupos sociais abertos ou escolher ídolos que admiram para seguirem, imitando suas roupas, a cor de seus cabelos, suas tatuagens ou seu comportamento. Como exemplos de ídolos, temos o cantor Justin Bieber nos anos 2000, Mc Livinho, hoje, na representatividade do funk ou Maddie Ziegler, influenciadora digital juvenil.



Figura 1 - Justin Bieber¹, Cantor.



Figura 2 - MC Livinho², Cantor.



Figura 3 - Maddie Ziegler³, Digital Influencer.

Instigar o adolescente a se tornar um adulto independente é o segredo para ajudá-los a encontrar seu caminho. Neste trabalho, eu proponho a busca da identidade através do vestuário, dos adereços e da autoimagem.

4.1 O ADOLESCENTE E A BUSCA DA IDENTIDADE

Observo que uma das maneiras que o adolescente encontra para se agregar a seus pares e ao mesmo tempo diferenciar-se dos adultos, é a imagem. Procuramos identidade no corpo, e as roupas são uma continuidade imediata dele.

Unindo a ideia de trabalhar com a autoimagem como busca da identidade e minha caminhada com moda, decidi fazer com eles um atelier de customização de roupas como exercício de autoconhecimento, uma maneira de ir em busca da própria identidade.

O adolescente, ao não ser reconhecido pelo adulto como apto a pertencer ao seu mundo por ainda estar imaturo, não preparado para executar tarefas ou tomar decisões de responsabilidades que só cabem ao mundo adulto, procura seus pares,

¹ Disponível em: <https://data.whicdn.com/images/324777437/original.jpg>

² Disponível em: <https://www.suamusica.com.br/>

³ Disponível em: <https://www.pinterest.co.kr/pin/618048748840667683/>

peessoas que estejam em igual momento que eles para se sentirem aceitos, fazendo de sua faixa etária um grupo social onde os adultos são excluídos, e onde o comportamento ou o vestuário são uma marca. Nesses grupos, muitas vezes, vemos o adolescente assumir atitudes que não são aceitos pelos adultos por serem transgressores, porém nesses grupos eles encontram aceitação rápida, pois existem ali, critérios de admissão claros, explícitos e praticáveis, tipo regras ou provas para serem admitidos.

Assim como o comportamento, as roupas e adereços também tem papel importante nesta admissão. Vemos o adolescente ser muito contrário as preferências e gostos dos adultos, vestindo-se de modo bem diferente que este, para deixar claro que não pertence ao seu mundo e, ao mesmo tempo, se vestem igual ao seu grupo, para firmar, assegurar seu pertencimento: sou diferente, porém sou igual aos meus pares. Este comportamento é visto com estranheza pelo mundo adulto, pois aparentemente são desagregados dos costumes e da hierarquia familiar. De acordo com Calligaris (2009), *o adolescente se torna gregário porque lhes é negado o reconhecimento dos adultos como tal.*

Com a aparência e vestuário, o adolescente procura se diferenciar do mundo adulto. Adereços, penteados, maquiagem, tatuagens e piercings, funcionam como um possível mensageiro, um corpo-recado, querendo falar, se comunicar e se relacionar. Tanto o vestuário como estas marcas, seriam um apelo de comunicação com o mundo. De acordo com Graciema da Rosa (PPGE/ UFRGS- 2004) “[...] *O adolescente faz do corpo um verdadeiro, out-door, como uma agenda aberta dos seus anseios, insinuações, segredos ou exibicionismo, espaços de inventividade [...]*”.

4.2 O ADOLESCENTE E A AUTOIMAGEM

Costumo fazer um trabalho sobre autoimagem em sala de aula, com alunos de 8ºano e 9ºano. Este trabalho é um projeto que realizo uma vez por ano e tem duração de aproximadamente um trimestre, onde início com conversas, aulas expositivas, vídeos de customização, imagens com exemplos de pinturas corporais, tatuagens e adereços, e proponho a partir daí uma investigação sobre autoimagem. Pergunto a eles em uma roda de conversa, que imagem eles tem de si mesmos. Eles ficam pensativos, uns calados, outros arriscam timidamente uma opinião. Pareceu-me um assunto incomodo para eles. Aos poucos começaram a falar de como gostariam de

parecer e não exatamente como se veem. Disseram que gostariam de se parecer com alguém famoso que admiram, um ídolo ou artista, ou alguém ligado ao esporte. Então faço um gancho com pintores da história da arte e mostro autorretratos de alguns artistas conhecidos e mostro como a preocupação com a autoimagem existia também em épocas passadas, pois houve pintores que se autorretrataram diversas vezes.



Figura 4 - Frida Kahlo⁴ -autorretrato, 1940.



Figura 5 - Albrecht Dürer-autorretrato, 1498.



Figura 6 - Gustav Coubert - autorretrato1853.

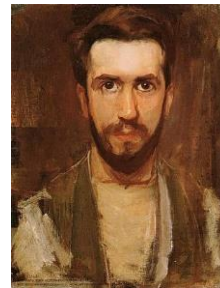


Figura 7 - Piet Mondrian - autorretrato, 1900.

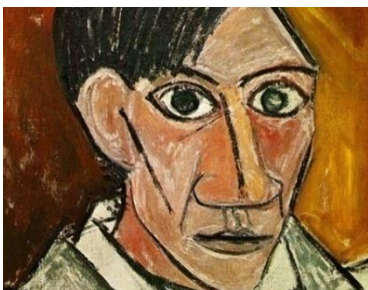


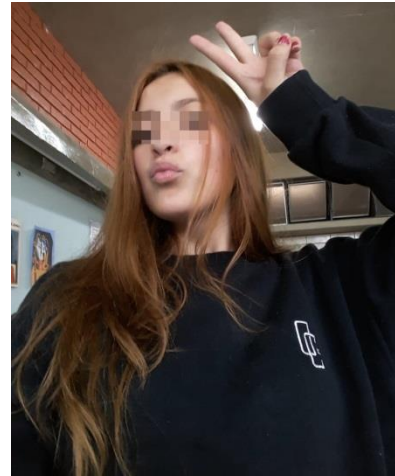
Figura 8 - Pablo Picasso - autorretrato, 1906.



Figura 9 - Tarsila do Amaral - autorretrato, 1923.

Continuando, trago para a atualidade a ideia do autorretrato e faço uma ligação com a *selfie*, tão apreciada pelos adolescentes, comparando o que foi feito no passado pelos nossos mestres da pintura com o que hoje é feito por eles. Comento que é a mesma coisa, que a necessidade de saber “quem sou” e “como quero parecer” é pertinente tanto hoje como em épocas passadas. É uma linguagem, um outro recurso para dizer a mesma coisa. A seguir, proponho uma sessão de *selfies* com eles e a partir disso um momento para exercitar o autorretrato em desenho com grafite.

⁴ As imagens desta página estão disponíveis em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores>

Figura 10 - *Selfie*, Aluno A⁵.Figura 11 - *Selfie*, Aluno B.

Para a sessão de *selfies*, por ser uma linguagem com tecnologia ultra moderna que eles tanto apreciam, eles começam rapidamente, causando um alvoroço na sala, muitos risos e muitos cliques. Já na hora do desenho em grafite, eles ficaram mais resistentes, uns diziam que não eram capazes de fazer, outros começaram lentamente e em silêncio, indicando que estavam apreciando a proposta. O resultado foi muito bom e surpreendente. Foram feitos desenhos, onde a semelhança com seus rostos era evidente, causando uma surpresa boa neles. Acredito que todos, qualquer pessoa mesmo, pode desenhar a figura de seu próprio rosto pelo menos com alguma semelhança, mesmo que o resultado fique mais próximo de um boneco do que da figura humana, mas é normal, considerando que eles nunca tinham feito desenhos de si próprio. Fico muito impressionada e satisfeita com o resultado.



Figura 12 - Autorretratos de alunos em desenho

Como o resultado foi bom, proponho outro tipo de exercício, que é autorretrato feito com papel, corte e colagem. O resultado foi incrível.

⁵ As imagens desta página são arquivos do meu acervo pessoal, Carmem Maria dos Santos Moreira.



Figura 13 - Autorretratos de alunos em papel⁶.

⁶ As imagens desta página são arquivos do meu acervo pessoal, Carmem Maria dos Santos Moreira.

5 A ROUPA COMO MENSAGEM

Ao mostrar o trabalho de artistas que atuaram também com vestuário tanto no passado como atualmente, introduzo a questão do vestuário como linguagem, como comunicação e também como identidade, assim como nos diz Baxter:

“Todos nós temos uma auto-imagem baseadas nos valores pessoais e sociais que possuímos. Faz parte da natureza humana procurarmos nos cercar de objetos que reflitam esta auto-imagem, como um mosaico que, juntos, constituem a imagem visual que projetamos aos outros.” (2000, p.189)

O ser humano, diferente dos animais, cobre seu corpo, troca uma pele por outra, as vestes. Encobre-se, protege-se, imita ou destaca-se, de forma consciente ou inconsciente. Em diferentes povos e culturas pode-se observar a relação do homem com suas vestes, e também para com a sociedade, formando um circuito relacional de forma plástica e simbólica.

Ao nos debruçarmos sobre a história, vemos que inicialmente, em povos primitivos e até a Idade Média, a roupa servia apenas para cobrir o corpo, proteger do frio ou, dependendo da cultura, por pudor ou para demonstrar hierarquia ou poder. Segundo Georg Simmel (1858-1918) sociólogo alemão, a moda não pode ser encontrada em sociedades em que o impulso socializante é mais forte que o de diferenciação e em que não se formam classes sociais. Essas sociedades primitivas caracterizam-se por estilos extremamente estáveis.

À medida que avançamos em direção a modernidade e depois ao contemporâneo, vemos que as roupas passaram a ter outros significados. As roupas servem para mais do que um simples vestir, o tecido permite um mutante e constante jogo de aparências, fragmentos de identidade.

Segundo Káthia Castilho(2005), uma das principais características do ser humano é dotar nosso corpo de significados.

A relação do homem com as roupas é intrínseco, indissociável a estrutura das sociedades. O vestuário atua como códigos carregados de significados, mensagens que falam com seu meio. O Homem procura sua identidade em tudo que o cerca, nos valores simbólicos acessíveis, e, em um último recurso que o caracterize de alguma forma, vai em busca das grandes marcas na tentativa de se individualizar, na ilusão

de se tornar único, o que é contraditório pois é uma solução muito abstrata e impessoal para quem quer mostrar que é um indivíduo único.

Lars Svendsen (2010), filósofo norueguês da atualidade, tem outra posição em relação a linguagem da roupa, ele diz que esta não seria uma linguagem, pois não carrega em si códigos que se possam traduzir, como uma outra língua que precisamos conhecer os significados de seus códigos para ser compreendida. A roupa seria uma comunicação com o mundo, um relacionamento com o externo mas não exatamente uma linguagem.

5.1 O VESTUÁRIO COMO MODA

A partir da sociedade burguesa da Idade Média, o homem passou a buscar uma distinção social entre classes e, como uma necessidade de imitar, pertencer e havia uma constante busca das classes inferiores a imitar as classes superiores e estas afastarem-se desta semelhança, criando um círculo que com o passar dos anos ficou cada vez mais rápido, caracterizando-se mais tarde como moda e, que diz respeito a todas as áreas da vida. A moda no vestuário seria apenas um item neste universo. Poderíamos dizer que moda é um fenômeno social, uma característica da indumentária. Por meio das roupas, as pessoas aproximam-se do estilo de vida almejado, por ser direta, por representar e evidenciar as possibilidades materiais de seu portador.

Interessante é observar o que diz Lars Svendsen sobre a trajetória do jeans “o queridinho” hoje de todas as classes sociais:

“Os jeans apareceram como uma peça de roupa da classe trabalhadora e depois subiram de classe social. Vale dizer que eles não passaram diretamente da classe trabalhadora para a classe média, mas fizeram um itinerário mais complicado. Depois dos trabalhadores foram os artistas que usaram jeans, depois ativistas políticos de esquerda e gangues de motociclistas, o que conferiu as peças um certo ar rebelde. Isso os tornou apreciados em culturas juvenis e, como a juventude começara a se tornar norma estética, a classe média logo os assimilou, entrando entrou fácil para o mundo adulto e também para a classe alta, que, somados a etiquetas de grife, lhes foi conferido um status de roupa das classes mais exigentes e de maior poder aquisitivo. E o Jeans entrou para todas as classes sociais.” (2010, p. 50)

5.2 A CUSTOMIZAÇÃO DE ROUPAS COMO BUSCA DE IDENTIDADE

No decorrer da história da humanidade, vemos mudanças ocorrerem em relação a percepção do corpo, como ele é mostrado, qual sua importância e o que ele tem a dizer sobre nós mesmos, e o vestuário acompanha estas mudanças. Através do vestuário buscamos um caminho para nós mesmos, para a busca de quem somos, a busca da nossa própria identidade.

Pensando nessa busca do adolescente sobre a identidade, idealizei um projeto de customização de roupas para ser aplicado nos anos finais do ensino fundamental, pois neste momento, o modo de vestir é muito significativo para o adolescente. Consiste em trabalhar a autoestima, o que gosta, o que almeja para si, incentivando-o a trilhar um caminho de descobertas em direção ao mundo adulto.

Sabemos que o adolescente tende a se vestir de acordo com seu grupo ou para pertencer a ele. Com a customização de vestuário, incentivamos eles a refletir, despertando questões internas tais como: quem sou? ... para onde vou?... sou realmente igual a todas as pessoas deste grupo?

E o que seria “customização de roupas”? É personalizar a roupa de acordo com o próprio gosto.

Antigamente a customização era para dar uma “cara nova” a uma peça já usada. Hoje, a customização é muito aplicada até em peças novas, saídas da loja, com o intuito de colocar um toque único a uma peça que foi produzida em maior escala. É uma linguagem, uma marca própria, um toque pessoal.

A customização de roupas funciona como um exercício de busca de identidade, pois procuro fazer com que o adolescente comece a olhar de um modo mais autêntico para si, buscando construir sua identidade, indo além da massificação imposta pelo grupo, incentivando-o a pensar sobre isso e aprender a trilhar em direção ao mundo adulto, pensando sobre a própria identidade e a construção dela, o que é imposto e o que é escolhido.

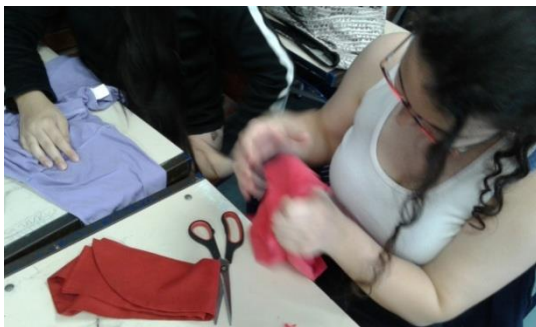
“O que vestimos pertence a nós ou é imposto pela mídia de consumo ou pelo grupo em que estou inserido?”

No Atelier de Customização nasala de aula, busco exercitar na prática estas questões, oportunizando manuseio e interferência em peças de roupas de acordo com a vontade de cada um, sublinhando o significado do que se veste: “A roupa que visto fala de mim.”

5.3 O ATELIÊ NA PRÁTICA

No atelier de customização proposto, são trabalhados peças de roupas trazidas pelos alunos, onde estes vão alterar sua forma original de acordo com o gosto de cada um. Serão usados materiais diversos como: tesouras, agulhas, linhas, fitas, rendas, tintas, pincéis, papéis para desenho e estêncil, canetas para tecidos, apliques, contas, miçangas e todo material que cada um achar necessário para transformá-las a seu modo, personalizar a roupa de acordo com o gosto de cada um.

Bem, então agora a melhor parte! O atelier! Mãos-a-obra!



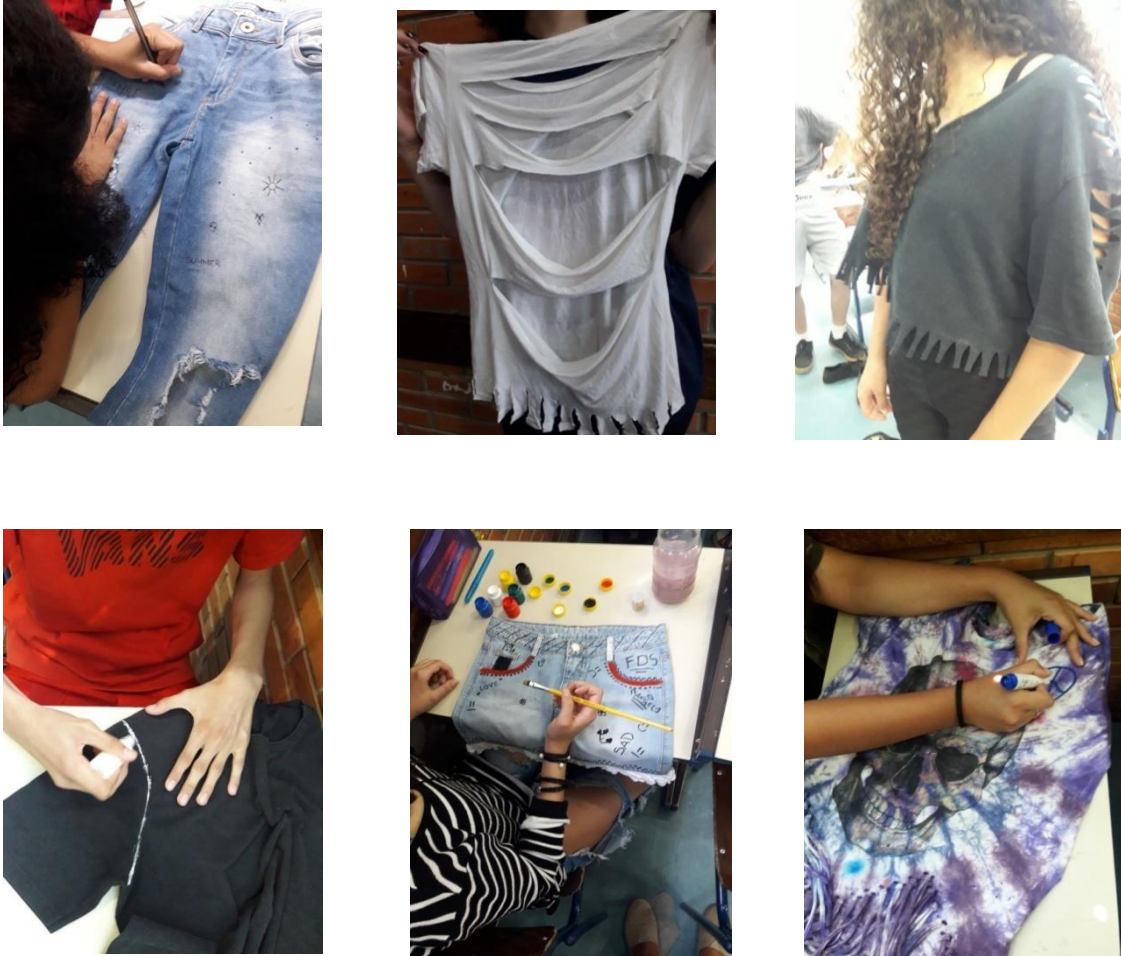


Figura 14 – Alunos trabalhando em atelier de customização de roupas (Acervo pessoal)⁷.

⁷ As imagens desta página são arquivos do meu acervo pessoal, Carmem Maria dos Santos Moreira.

6 A ESCOLHA DA COR NO VESTUÁRIO

As Cores- O significado e simbolismo das cores variam de acordo com a cultura, história e tradição de cada povo e, ao estarmos inseridos em um meio social, absorvemos heranças culturais que somadas as nossas preferências geram nossas escolhas.

As Emoções- Reação a um estímulo ambiental que produz tanto experiências subjetivas, quanto alterações neurobiológicas significativas. Está associada ao temperamento, personalidade e motivação. A palavra vem do latim EMOVERE, e significa “movimento”, por em movimento. As emoções dialogam com o mundo em que o indivíduo está inserido, e podem tanto iluminar como colocá-lo na sombra.

As cores fazem parte das nossas vidas, do nosso dia-a-dia e estão inseridas em tudo o que nos rodeia e percebemos. Sabe-se que elas tem impacto nas nossas emoções e sentimentos.

Existem significados nas cores que podem ser de âmbito social e cultural, dependendo da história e costumes de cada povo. As cores também tem um significado que poderíamos chamar de universal, e que todos nós conhecemos e concordamos, como por exemplo, que o branco significa paz, pureza, o preto solidão, o amarelo alerta e o vermelho perigo.

Segundo Vânia da Conceição Inácio (2010), da Universidade da Beira Interior(Portugal) existem as diferenças referentes a cada cultura, onde o branco em uma cultura pode significar pureza, em outra pode significar luto. São significados convencionados. O branco pode ter um sentido de pureza, porém também pode nos dar a sensação de inóspito, estéril. Estas associações convencionadas povoam o nosso dia-a-dia, fazendo parte do nosso cotidiano e tem uma aceitação inconsciente, automática.

Observo também uma leitura das cores que mais se aproxima do meu objeto de estudo, que são as cores ligadas a personalidade de cada um, cores que “combinam” com a energia que temos e é onde nos sentimos mais a vontade, são as “cores da alma”, cores que sem pensar muito, sempre as escolhemos.

Minhas observações sobre as cores e as emoções vão além do convencional, do automático e também do que eu diria ser pessoal, da personalidade. São as cores do momento, o “como me sinto hoje”. Todos nós, desde que acordamos até o último segundo do dia, fazemos escolhas visuais. Acontece também com o vestuário, a roupa

que escolhemos para nos comunicar com o mundo e que diz muito de nós. Mesmo tendo a certeza que me sinto melhor de azul, vai haver um momento que preciso colocar uma peça laranja, porque assim me sinto melhor, porque completa minha energia, e usando essa cor hoje vou me sentir com mais força e equilíbrio. Estas escolhas não são em função das tendências da moda, mas simplesmente porque assim sentimos. A cor auxilia a mudar nossa energia emocional e nos ajuda na percepção do mundo e na forma como o visualizamos e vivemos.

O homem é afetado pela cor de forma psicológica e emocional, isto pode refletir nas suas atitudes e escolhas, tanto nos objetos pessoais como em seu vestuário. A escolha das cores, na maioria das vezes revela a personalidade do indivíduo. Pessoas que usam cores sóbrias, são normalmente reconhecidas como pessoas introvertidas, que gostam de passar despercebidas. Ao contrário destas, as que usam cores vibrantes são vistas como pessoas alegres e extrovertidas.

7 AMPLIANDO- O QUE COBRE O CORPO

Para ilustrar e melhor explicar questões de como cobrimos o corpo, falo sobre outras maneiras de cobrir o corpo e lembro-os de como nossos indígenas o faziam e ainda fazem, mesmo sem ser especificamente com o vestuário, mas com pinturas corporais e adereços e como isto representa o que eles pensam e sentem.



Figura 15 - Pinturas corporais indígenas⁸.

A seguir, mostro imagens de artistas que de uma maneira ou de outra fizeram obras relacionadas ao que cobre o corpo:

LIGYA PAPE (1927-2004)- artista performática com a obra DIVISOR, onde aparece uma multidão de pessoas “usando” o mesmo pano branco de grande dimensão, com orifícios para as cabeças das pessoas participantes; Embora não seja vestuário e a idéia da artista ser outra, me parece que aqui é o que todos “vestem” para dar seu recado.

⁸ Disponível em: <https://br.pinterest.com/>



Figura 16 - Ligya Pape - Divisor⁹, 1968.

*HÉLIO OITICICA(1037-1987)- Artista performático brasileiro e seus PARANGOLÉS, que não são exatamente roupas, mas sim panos que cobrem, descobrem e interagem com o corpo.



Figura 17 - Parangolés¹⁰, Hélio Oiticica

⁹ Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=741>

¹⁰ Disponível em: <http://rj.siteoficial.com.br/centro-de-artes-helio-oiticica-centro>

*ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO (1911-1989)- Artista brasileiro que trabalhava originalmente na Marinha do Brasil, mas que viveu a maior parte de sua vida em um hospital psiquiátrico. Ele não fazia roupas com a leitura de moda, mas com seu mundo interno, usava resíduos de papéis, papelão, pedaços de panos e fios que conseguia desmanchando lençóis. Construía verdadeiras obras de arte, entre elas roupas que lembravam a farda da marinha, porém com muitas cores e adereços.



Figura 18 - Artur Bispo do Rosário - Fardão Luta¹¹.

¹¹ Disponível em: <https://br.pinterest.com/sandramachado1/bispo-do-ros%C3%A1rio-arthur/>



Figura 19 - Anita Quansah – Acessórios¹²



Figura 20 – Issey Miyake- Bustier¹³



Figura 21 - Mana Bernardes¹⁴



Figura 20 - Andy Wharol – December Shoe¹⁵

¹² Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/602497256368851808/>

¹³ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/museumofcivilization/5812029790>

¹⁴ Disponível em: <https://www.tokstok.com.br/inspire-se/designers/mana-bernardes>

¹⁵ Disponível em: <https://www.christies.com>

8 O UNIVERSO DA MODA

Este trabalho nos fala do vestuário como busca da identidade, como linguagem e como expressão de cultura. Para isso foi necessária uma caminhada ao mundo da moda, uma pequena investigação de significados sobre as diferenças entre moda, vestuário e indumentária.

Pesquisando sobre as palavras roupas e vestuário, encontrei várias definições. Entendo que por roupa denomina-se cada uma das peças que compõe o vestuário. Seria roupa: uma blusa, uma calça, enquanto vestuário seria o conjunto de roupas/panos que cobrem o corpo. Existe também a diferenciação entre vestuário e indumentária. Enquanto vestuário seria este conjunto de panos, indumentária remete à arte, a história e a cultura de um povo.

Inicialmente, em povos primitivos e antigos, não existia a moda com o conceito que hoje conhecemos. As vestes eram apenas vestes, e tinham outros intuitos, outras razões para existir, que podiam ir desde cobrir o corpo do frio ou mostrar poder em uma sociedade. Na Idade Média começamos ver os primeiros sinais do que viria a ser moda mais tarde. Moda vem do latim “modus”- (o modo de, a maneira de) e mais tarde foi para o francês “mode”,

Na antiguidade as mudanças de vestuário eram muito lentas, ficavam séculos com o mesmo tipo de roupa, com avanços quase que imperceptíveis. No Egito, por cerca de três mil anos o vestuário permaneceu igual. Foi na Idade Média que vemos a moda começar a dar sinais de existência e se desenvolver, com pequenos avanços, mudanças, que mais tarde tornar-se-iam sistêmicos, desencadeando o que hoje conhecemos como moda, ciclos criativos e sucessivos de substituição, com um movimento cada vez mais rápido.

Com o início do capitalismo no Renascimento, a nobreza e a realeza passaram a usar novos modelos para se diferenciar da burguesia, que tudo copiava. A burguesia teve uma ascensão econômica neste período e queria através do vestuário, se aproximar da classe nobre para assim se distinguir dos que estavam na mesma condição social. A classe mais alta por sua vez, percebendo este movimento, criava rapidamente outros “modos” de vestir e se destacar das classes mais baixas, criando assim um ciclo de novidade e imitação, que talvez perdure até hoje, sendo esta a

característica mais forte na moda como a conhecemos, mais forte até que a beleza, pois na moda importa menos a beleza do que a novidade.

Moda seria então um fenômeno sócio cultural que expressa valores, usos, hábitos e costumes em um determinado momento. A moda é ampla e domina várias áreas da vida, influencia comportamentos, maneira de falar, objetos, costumes, lugares e, vem e vai, de maneira, cada vez, mais rápida.



Figura 21 - Esboços para criação de moda¹⁶.

¹⁶ Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br>

9 INTERFACE ARTE/MODA

Vemos, ao nos debruçarmos sobre o trabalho de alguns criadores de moda, inspirações em obras de artistas, como também artistas interferindo em coleções de moda. Este encontro vem acontecendo numa mútua colaboração de inspirações ou interferências.

Embora a separação entre Artes e Ofícios ocorrida no século XVIII, que relegou a arte e todos os outros saberes que não conseguiam se estruturar como método científico a um espaço confuso e arbitrário (Zordan, 2010) e que inseriu a costura decididamente nesta última categoria, quase todos os movimentos de vanguarda na arte, tiveram de alguma forma uma ligação com a vestimenta, através de possibilidades plásticas, performáticas ou provocativas. Ocorreram no século XX, ações e movimentos que provocaram interesse recíprocos entre Arte e Moda. Uma destas maneiras foi a roupa de artista, que se apropriou do poder provocador do vestuário. Moda como manifesto de arte teve referências em movimentos de vanguarda como o Futurismo, o Construtivismo, O Surrealismo e até os dias de hoje. Porém, os estilistas nunca conseguiram ganhar pleno reconhecimento como artistas, mas continuam tentando. Um dos exemplos mais impressionantes desse anseio foi a emergência das “roupas conceituais” dos anos 80, uma estratégia para virar as tradições pelo avesso, como quando Gaultier mostrou seu famoso espartilho que deveria ser usado por cima de outras roupas.



Figura 22 – Jean-Paul Gaultier - Espartilho para usar sobre outras roupas¹⁷.

Vemos hoje, cada vez mais um entrelaçamento, um diálogo entre o campo da arte e o da moda. Os dois trabalham na construção da diferenciação social e vemos a arte percorrer caminhos que tradicionalmente seria da moda e vice-versa, tendo cada vez mais uma interação entre os dois.

Estilistas da atualidade como o brasileiro Ronaldo Fraga, que vem se firmando cada vez mais como um estilista que trilha os caminhos da arte, não só por sua formação em Artes Visuais, mas pela sua atuação. Ronaldo usa suas roupas e eventos de moda como grandes holofotes de denuncia social. Os seus desfiles e produções tem sempre um toque de protesto que anseiam por um apelo social e denunciam a falta de cuidado com a ecologia e o planeta, isto sem perder a leveza, com suas coleções belíssimas e coloridas de uma harmonia e sutileza de encher os olhos.

¹⁷ Disponível em: <https://www.laifi.com>



Figura 23 - Ronaldo Fraga¹⁸



Figura 24 - Ronaldo Fraga - Marielle Franco¹⁹



Figura 25 - Ronaldo Fraga - Desfile SPFW²⁰

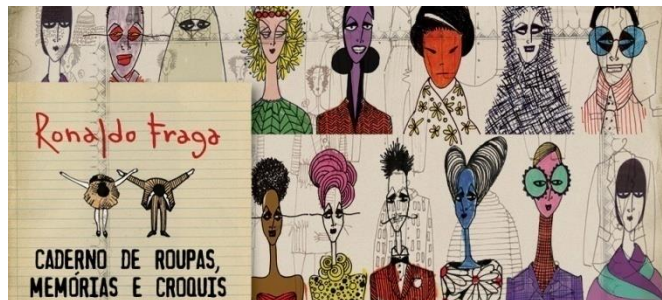


Figura 26 - Ronaldo Fraga - Caderno de Roupas²¹.

Em abril de 2018, na 45ª edição da São Paulo Fashion Week, Ronaldo Fraga provou que passarela é palco para contar histórias, tirou o fôlego e provocou choro, aos que assistiam ao seu desfile, ao expor uma coleção que resgatou a memória dos atingidos pela tragédia de Mariana, em Minas Gerais.

¹⁸ Disponível em: <https://abest.com.br>

¹⁹ Disponível em: <https://metropoles.com>

²⁰ Disponível em: <https://exame.abril.com.br>

²¹ Disponível em: <https://blog.logaspompeia.com>

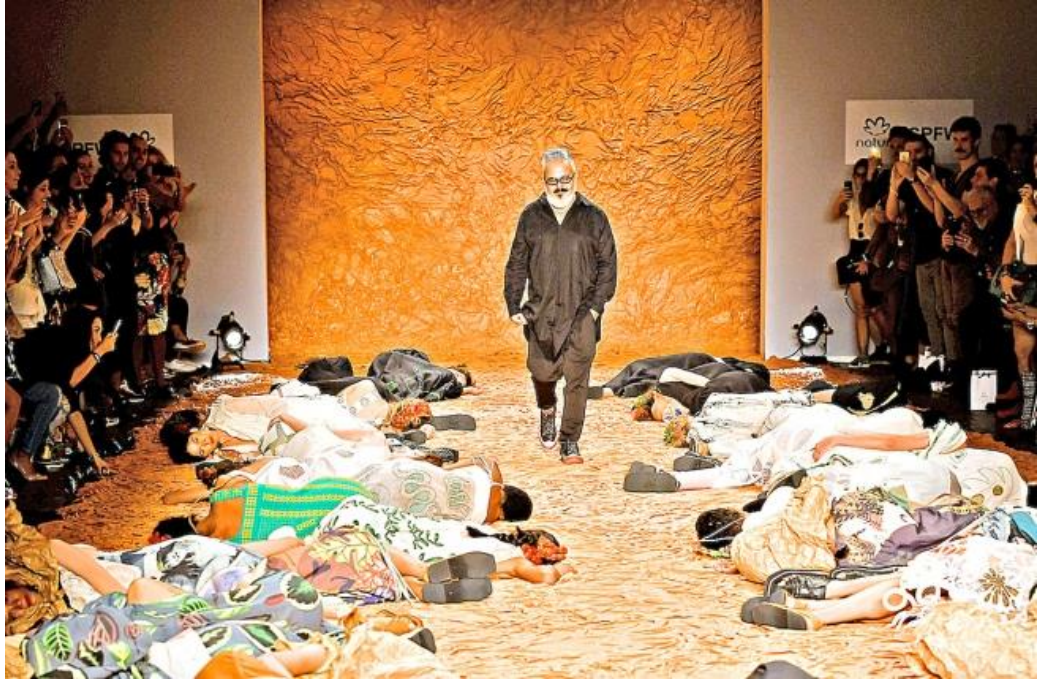


Figura 27 - Ronaldo Fraga - Desfile em homenagem às vítimas de Mariana/MG²².

Vemos a seguir, artistas que entrelaçaram de uma maneira ou de outra seus trabalhos com a moda na história da arte. Também estilistas que fizeram de suas coleções de moda, verdadeiras obras de arte.

No início do século XX, Gustav Klimt e Emily Flöge cruzaram suas criações, resultando em um trabalho belíssimo. Flöge criou uma coleção de vestidos para Klimt retratar em suas pinturas.

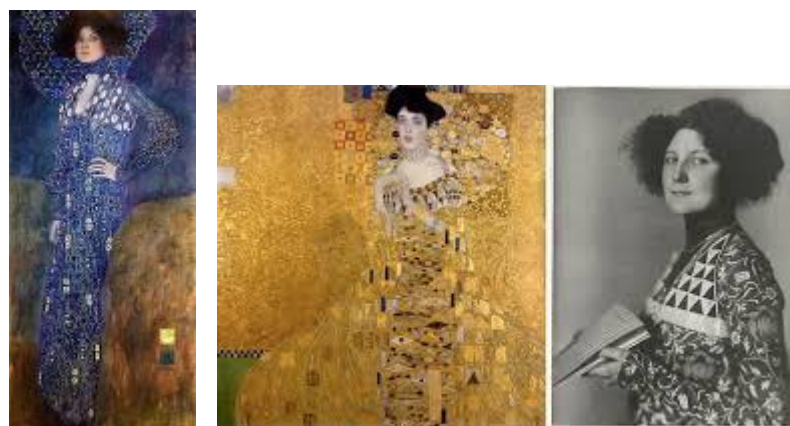


Figura 28 - Gustava Klimt, retrata Emily Flöge²³.

²² Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br > plural>

²³ Disponível em: <https://arteref.com>

Na década de 60, Andy Warhol fez um trabalho de aproximação entre moda, arte e cultura de massa, auto proclamando-se “business artist”, estampando em suas telas imagens de publicidade. Warhol iniciou sua carreira como ilustrador de revistas, desenhista e vitrinista, e esteve sempre consciente da relação entre arte, moda e consumo.



Figura 29 - Andy Warhol, Marilyn Monroe²⁴

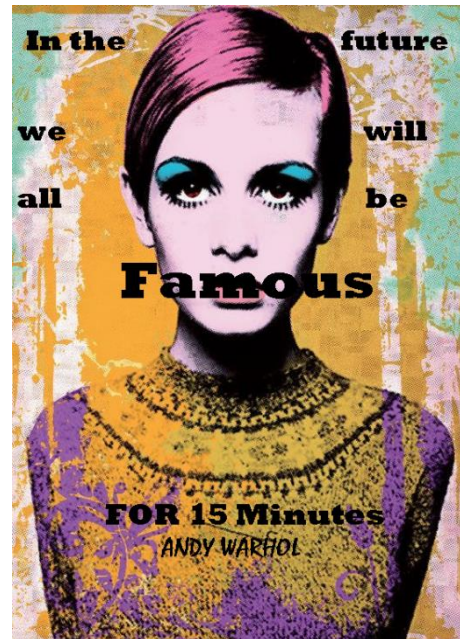


Figura 30 - Andy Warhol, Twiggy²⁵

Também na década de 60, Yves Saint Laurent, estilista francês, inspirou-se em Piet Mondrian e criou uma coleção de vestidos com padrões geométrizados, cores vibrantes e linhas pretas, inspiradas em suas pinturas.

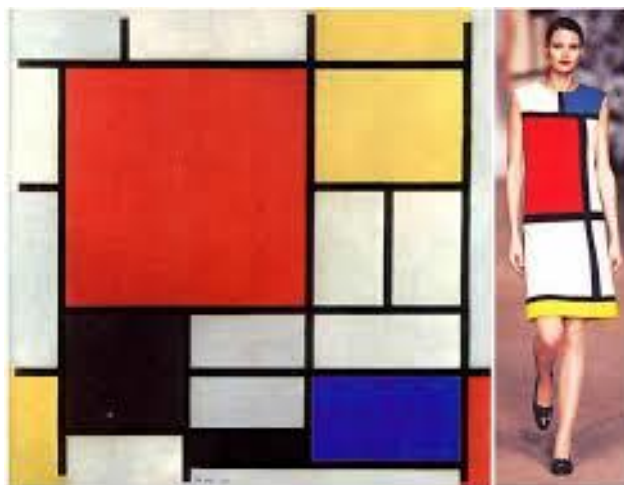


Figura 31 - Yves Saint Laurent / Piet Mondrian²⁶

²⁴ Disponível em: <https://flickr.com>

²⁵ Disponível em: <https://pinterest.ch>

²⁶ Disponível em: <http://artedescrita.blogspot.com/2012/01>

No Brasil, Hélio Oiticica (1964) criou as vestes estandartes, obras performáticas, que eram panos que cobriam o corpo, dançavam e movimentavam-se, onde o espectador fazia parte da obra, interagindo, movendo-se e vestindo-se com ela, aproximando obra, artista e povo, criando interações, diminuindo o distanciamento entre elites culturais e o povo, os Parangolés.

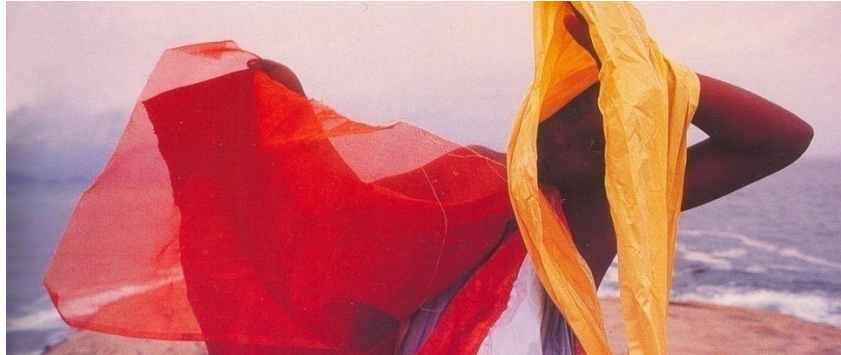


Figura 32 - Hélio Oiticica, Parangolés²⁷. Arteref.com

Lygia Clark criou uma série de trabalhos chamados Roupa-corpo-roupa(1968), onde a artista propicia diferentes tipos ideias, sensações, diálogos. A obra consistia em macacões de plástico que eram vestidos pelo espectador para sentir a ideia da obra.



Figura 33 - Lygia Clark - Roupa-corpo-roupa²⁸

²⁷ Disponível em: <https://arteref.com>

²⁸ Disponível em: <https://tropicalia.com.br>

Flávio de Carvalho chocou o público ao usar uma vestimenta inusitada ao público masculino e desfilou pelas ruas de São Paulo, com a intenção de fazer refletir sobre identidade, e também sobre a moda brasileira ser copiada da Europa.



Figura 34, 37, 38 e 39 - Flávio de Carvalho²⁹.

A partir dos anos 80, surge a “moda conceitual”, com bases na arte conceitual, dos anos 70, criando a idéia de que as roupas não precisam mais ser usáveis e que a arte não precisa mais de objetos. Foi nesse momento que surgiram os desfiles performáticos, onde a passarela passou a ser uma obra de arte e não apenas um espaço de mostrar objetos não apenas com o intuito de ser vendável. A roupa passa a ser elemento de performance artística.

A artista Marina Abramovic (Sérvia) vai mais longe. Em suas performances apresenta o corpo como ato intrínseco da obra, a roupa como um significante, o vestir e o despir como componentes marcantes.

²⁹ Imagens disponíveis em: <https://outraspalavras.net>



Figura 40 - Marina Abramovic - Performance³⁰.

A moda passa a ser apresentada no campo das idéias tal como a arte, com uma aproximação cada vez mais forte. Lipovetsky (2013, pg. 87) nos diz: “...a moda e a arte estão cada vez mais próximas: enquanto os artistas não conseguem mais provocar escândalos, os desfiles de moda estão cada vez mais criativos.” E também: “...a era democrática conseguiu dissolver a divisão hierárquica entre arte e moda”.

As vanguardas do século XX trouxeram uma nova concepção para a sociedade. Os estilistas intensificaram seus trabalhos na criação de tecidos, desfiles-performances, instalações, exposições e publicidade.

No final do século XX, nas décadas 80 e 90, os desfiles foram gradualmente se transformando em eventos espetaculares, com os estilistas mais preocupados em transgredir e fazer pensar do que vender, abandonando a obrigatoriedade da estética da beleza, usando estratégias associadas mais as artes contemporâneas do que ao mundo da moda.

Alexander McQuenn, estilista britânico que substituiu Jonh Galliano frente a Givenchy em 1996, mais preocupado em causar náuseas do que agradar.

³⁰ Disponível em: <https://flickr.com>



Figura 41 - Alexander McQueen³¹ -

Martin Margiela, estilista belga nascido em 1957, fundador da casa de moda francesa Maison Margiela, formou-se em Belas Artes na Academia Real de Belas Artes da Antuérpia, Bélgica, com suas desconstruções e reciclagens e um olhar voltado para a Arte devido a sua formação, mostrou desfiles no escuro e uma coleção para manequim tamanho 74, tentando apontar a exigência cruel do mercado com a magreza excessiva do padrão de beleza da moda.



Figura 42 e 43 - Martin Margiela³²

³¹ Disponível em: <https://vogue.com>

³² Disponível em: <https://flare.com>

Interessante também mostrar artistas que são designers de moda, como o japonês, Issey Miyake e, seus vestidos-origami, numa alusão a arte milenar japonesa de dobradura de papel origami. São vestidos que vão para a venda, em forma de dobradura origami, e, são realmente para o uso, prática comum no Japão.



Figura 44 – Issey Miyake - Vestidos Origamis³³

Jum Nakao, estilista brasileiro, é uma dos grandes responsáveis pelo cruzamento da arte com o mundo da moda. Em 2004, com o desfile performático: “A Costura do Invisível”, ele criou um dos eventos mais marcantes da moda brasileira no São Paulo Fashion Week. Nakao criou peças inspiradas no século XVIII, todas confeccionadas em papel vegetal, que foram destruídas frente a plateia pelas próprias modelos ao final do desfile, dando um recado sobre o efêmero na moda.



Figura 45 - Jum Nakao - A Costura do Invisível³⁴

³³ Disponível em: <https://pinterest.com>

³⁴ Disponível em: <https://jumnakao.com>

10 MODA E CONSUMO - CONSCIENTIZANDO

Como estamos trabalhando com produção, não posso deixar de abrir um espaço para falar sobre moda e consumo, conscientização ecológica e pensamento sustentável para um mundo melhor.

A moda, desde sua aparição, sempre esteve ligada a criação, a invenção e ao término, o obsoleto, para novamente criar, num ciclo que não termina. É uma das características da moda, esse constante vai-e-vem de criar e recriar e voltar ao que já foi feito. E isto acabou criando algumas armadilhas para nós e para o planeta.

Observando um pouco a história da evolução da moda e seu consumo, vemos que no século XVIII as roupas eram usadas como distinção social, para separar a classe aristocrática dos burgueses e plebeus. O consumo do luxo foi o primeiro consumo na moda que se tem notícia. Além de tecidos refinados, os adornos também eram usados como signos para diferenciar a elite das classes mais baixas. A alta costura produzia o luxo que seria consumido no vestuário, e que era feito como uma verdadeira obra de arte artesanal. A peça requeria longo tempo para ser produzida, rica em detalhes e acabamento, era confeccionada de modo individual e finalizada no próprio corpo do cliente, uma produção luxuosa e exclusiva, apenas para privilegiados economicamente.

No século XX, graças ao desenvolvimento da industrialização, inaugura-se uma cultura de consumo de massa. A contracultura também influenciou o declínio da alta costura, dispendiosa e para poucos, dando lugar a roupa pronta para vestir (o prêt-à-porter), simplificando e padronizando o processo do consumo, tornando barato e acessível a um maior número de pessoas. O vestuário sai de um patamar aristocrático para um fenômeno social de modas plurais. A moda que vai se estabelecendo no final do século XX abriga discussões sobre globalização, acabando por atingir uma homogeneização de comportamento, atitudes e consumo do vestuário.

O consumismo na moda pode ser entendido como um movimento de constante estímulo as vendas, forçando uma aquisição de produtos similares em curto intervalo de tempo, fomentando o crescente consumo de massa.

Grupos de contra moda que buscam liberdade individual e singularidade, incorporados a movimentos sociais análogos, transformam movimentos de contestação em parte integrante do fenômeno moda, passando a incorporar todas as

manifestações em existência plural com vários estilos, um afrouxamento das barreiras entre os grupos, possibilitando um trânsito de preferência entre eles.

A moda no século XXI dá sinais de esgotamento. Simultaneamente ao culto às marcas, existe uma tendência à volta e a valorização do artesanal, as roupas “autorais”, como uma resposta ao consumo selvagem da produção altamente tecnológica e cruel, pois vemos pelo mundo todo o emprego de trabalhadores em regime de quase escravidão para atender a demanda mundial de consumo, onde, este mesmo consumo excessivo está se tornando uma doença social. É necessário um pensamento mais sustentável, uma reflexão sobre os caminhos do consumo que não agrida o planeta e a vida das pessoas.

Segundo Gilles Lipovetsky, estamos vivendo a “Era do Estilo”, onde o estilo é o novo imperativo econômico. Estamos na era do Capitalismo Artista, onde o capitalismo centrado na produção foi substituído pelo capitalismo da sedução.

No documentário “The true cost” (2015), o produtor e diretor Andrew Morgan, nos fala sobre a crueldade que existe por trás das grandes marcas da moda, e nos faz questionar sobre como as roupas de passarela chegam até nós com preços cada vez mais acessíveis, causando a impressão que estamos com melhor poder aquisitivo, pois até meados do século XX, a moda de grandes costureiros era somente para poucos. Morgan nos alerta sobre como é produzida estas roupas, chamadas de fast fashion (semelhante a moda rápida). Nessa indústria, pressupõe-se que 40 milhões de pessoas trabalham em regime análogo a escravidão, na China e Índia, com um ganho de 10 dólares por dia apenas e produzindo roupas em grande escala. São produzidas cerca de 8 milhões de peças de roupas por ano no mundo. Cada fast fashion produz cerca de 50 coleções de moda por ano e uma empresa que não é fast fashion faz somente duas coleções ao ano, outono-inverno e primavera-verão. Agora, pensemos na quantidade de lixo que é colocado no planeta com uma produção assim. A indústria da moda é a segunda mais poluente do mundo, perdendo somente para a indústria do petróleo.

Bem, torna-se urgente observarmos o que está acontecendo sob nossos olhos e muitas vezes não queremos ver, pois é muito bom comprar roupas legais com precinhos camaradas que cabem no nosso bolso. Urgente também é termos uma consciência maior em relação ao consumo e a preservação do nosso planeta, com um pensamento mais sustentável e que está nas pequenas atitudes. Podemos começar pesquisando sobre como são fabricadas as roupas que gostamos de

comprar. Tenho escutado muito sobre um boicote simples às grandes marcas, como comprar do pequeno produtor, do pequeno atelier, de quem produz perto de nós, assim estaremos cuidando do planeta e incentivando o produtor local, onde os recursos gerados ficam aqui mesmo, na nossa cidade e no nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E chego ao final, desta pequena viagem ao mundo da arte, moda, vestuário e educação com a sensação de estar unindo as minhas duas áreas de atuação de modo bem positivo, pois foi somando as experiências que consegui a essência desta pesquisa. Trabalhar com educação me trouxe um olhar mais compreensivo, mais tolerante e empático em relação ao outro, o que faz de mim com certeza uma pessoa mais feliz. Levar para a sala de aula um pouco do meu trabalho com vestuário e moda me deu uma grande alegria e muito prazer. Realmente é um grande prazer!

Ao ler estas reflexões, me parece, como tudo o que fazemos com dedicação, que está sempre faltando algo, que nunca está pronto e que talvez tenha alguns excessos e que o resultado ao final é uma soma de erros e acertos, mas isso faz de mim uma pessoa em constante busca de um caminho para ensinar, criar, aprender e sempre crescer.

Neste trabalho, procurei fazer reflexões sobre como é possível lidar com uma possibilidade de pensar a educação das artes visuais através do vestuário como busca da identidade. Tanto o vestuário como a moda (ou a não-moda) nos dá uma aproximação do adolescente e suas questões, angústias e anseios de uma maneira prazerosa. Em um primeiro momento, a palavra moda nos parece um tanto superficial para tratar desta questão tão delicada como a busca da identidade de um ser que está em busca do seu eu e que precisa de um solo firme para trilhar em direção ao mundo adulto. É uma busca de muitos tropeços e passar este momento da vida cuidando de si através do que se gosta de vestir pode ser reconfortante.

Nestas observações entrelaço arte, moda e vestuário pois percebo que os campos tanto da arte como da moda não tem delimitações rígidas, e a arte visita a moda e a moda visita a arte constantemente. Como definir o que é arte? Até hoje me parece que ninguém conseguiu esta definição. A arte está em constante movimento, se renovando, se reinventando e a moda segue seus passos nesse sentido. E Moda? Seria moda uma linguagem? Segundo Kátia Castilhos(2005), uma das principais características do ser humano é dotar seu corpo de significados. Porém o filósofo norueguês Lars Svendsen (2010) não concorda que vestuário é uma linguagem por não conter signos que possam ser traduzidos igualmente por todos e que não podem ser lidos de um modo exato.

Concluo aqui estas reflexões de final de curso de Licenciatura em Artes Visuais percebendo que os caminhos permanecem abertos e que as possibilidades são infinitas. Aprendo com meus alunos (e com todas as pessoas) enquanto os ajudo a trilhar um caminho saudável, criativo e prazeroso em direção ao mundo adulto.

Percebo que sim, que pode haver uma possibilidade de educação das artes visuais através do vestuário na escola, uma aproximação entre arte e moda, pois é um campo rico e que tem ainda muito a ser explorado.

E chego ao final desta pequena viagem ao mundo da Educação, Arte e Moda/Vestuário, sempre seguindo em frente, trilhando, (re)inventando e ajudando quem precisa de mim com o que sei fazer de melhor.



Figura 46 - Tecidos tingidos artesanalmente³⁵



Figura 47 - Roupas tingidas artesanalmente (Acervo pessoal).

³⁵ As imagens desta página são arquivos do meu acervo pessoal, Carmem Maria dos Santos Moreira.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Imanol. **Imaginando um futuro para a Educação Artística**. Barcelona: Octaedro-UPNA, 2005.
- AGUIRRE, Imanol. **Entrevista: “Enseñar arte es formar sujetos críticos y eso siempre es una amenaza”**. Santiago de Chile: Universidade Alberto Hurtado, 2015.
- BAPTISTA, Cláudio Roberto (organizador). **Educação Especial e Políticas de Inclusão Diretrizes e Tendências**. São Carlos – Marquezine&Manzini – ABPEE, 2015.
- BAXTER, M.R. **Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos**. Tradutor: Itiro Iida. 2.ed. rev. SP: Blucher, 2000.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**.SP: Editôra Senac,2008.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. SP: Publifolha, 2011. 4ª impressão de 2ª edição de 2009.
- CASTILHO, Káthia; Martins, Marcelo. **Discursos da moda: semiótica, design e corpo**. SP: Editora Anhembi, 2005.
- FIGUEIREDO, Joana Bosak. **Teoria da moda pra quê? O efêmero que fica**.Porto Alegre: Caderno de Cultura-ZH, 2010.
- INÁCIO, Vânia da Conceição Gaudêncio. **Cor e emoção**. Universidade da Beira Interior. Portugal, 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**.SP: Companhia da letras, 2013.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. SP: Companhia das letras, 1987.
- LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Editora Rocco, 1997.
- LOPONTE, Luciana Grupelli. **Ensino de artes visuais:entre pesquisas e práticas**.RS: UFRGS, 2013.
- ROSA, Graciema de Fátima da. **O corpo feito cenário**(Corpo, gênero e sexualidade, cap 1); Editora Mediação, 2004.
- SVENDSEN, Lars. **Moda, uma filosofia**. RJ: Zahar, 2010.
- ZORDAN, Paola. **Pedagogia da Arte: entrelugares da criação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS,2010.